

MOBILIDADE, TRABALHO E UNIVERSIDADE: FEIÇÕES DA REALIDADE RECENTE DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UNESPAR, CAMPUS DE CAMPO MOURÃO, PR

Mobility, work and university: feature of the reality of the recent unespar geography students, course of Campus Mourão, PR

Virgílio Manuel Pereira Bernardino*
Solange Aparecida Loch**

***Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR**
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Departamento de Geografia
Av. Gabriel Experidião, s/n – Campus de Paranavaí, Paraná, Brasil – CEP: 87711-000
virgilio_fecilcam@yahoo.com.br / virgilio_mpb@pop.com.br

**** Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR**
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Departamento de Geografia
Av. Comendador Norberto Marcondes, 733 – Campus de Campo Mourão, Paraná, Brasil – CEP: 87303-100
solangeloch@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar a micromobilidade física de trabalhadores-estudantes do curso de Geografia para a Unespar (Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão, PR). Partimos das propostas conceituais e metodológicas expressas por Rocha (1998) e com apoio cartográfico, buscamos respostas à seguinte questão: Como se articulam as micromobilidades dos trabalhadores-estudantes do curso de geografia gerados pela Unespar de Campo Mourão? Para tanto, utilizamos os programas *Sphink Plus Léxica* e *Philcarto*. Os resultados apresentados são referentes a pesquisa de TIDE (Tempo Integral de Dedicção Exclusiva). São informações coletadas em pesquisa exploratória por meio de entrevistas, a 57% dos acadêmicos que cursaram Geografia na Instituição, em 2013. Tratam-se de deslocamentos para a qualificação dos indivíduos, com o intuito de melhorar o seu *status* profissional, ocasionalmente motivados pela busca de maiores e melhores oportunidades de trabalho. Esta mobilidade é circunspeta por deslocamentos regulares (cotidianos) dos estudantes, originados na maioria das vezes de municípios da mesorregião Centro-Ocidental do Estado do Paraná como consequência da necessidade no ingresso no Ensino Superior. Assim, a busca pela formação de professores de Geografia em suas cidades de origem, leva muitos estudantes dos municípios próximos a Campo Mourão, a se deslocarem diariamente em busca de educação. Neste sentido, este estudo apresenta reflexões e contribuições acerca de aspectos importantes dentro dos estudos de desenvolvimento regional: as mobilidades ao trabalho e ao estudo.

Palavras-chave: Micromobilidade física. Curso de Geografia. Trabalhadores-estudantes. Ensino Superior.

ABSTRACT

This article aims to present the daily displacement of Geography course of the student workers for Unespar (State University of Paraná - Campus of Campo Mourão, PR). We set out the conceptual and methodological proposals expressed by Rocha (1998) and cartographic support, we seek answers to the following question: How do you articulate displacement of working students of the course of geography generated by Unespar of Campo Mourão? Therefore, we use the *Sphink Plus Lexical* and *Philcarto* programs. The results presented are for research TIDE (Full-Time Exclusive Dedication). Is information collected from exploratory research through interviews, 57% of the students who have studied Geography at the institution in 2013. These are offsets to the qualifications of individuals, in order to improve their professional status, often motivated by the search for more and better job opportunities. This mobility is circumspect by regular shifts (daily) student, originated mostly from municipalities of meso -West Center of Paraná as a result of the need to entry into higher education. Thus, the search for the formation of Geography teachers in their hometowns, leads many students from municipalities near Campo Mourão, to move daily in search of education. Thus, this study presents

reflections and contributions on important aspects within the regional development studies: the mobility to work and study.

Keywords: Daily displacement. Geography course. Working students. Higher education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de apresentar a dinâmica referente à micromobilidade física¹ de estudantes do curso de Geografia para à Unespar (Universidade Estadual do Paraná) - campus de Campo Mourão, PR. A temática desenvolvida está inserida na mobilidade da força de trabalho (FT) e é realizada predominantemente por trabalhadores-estudantes que buscam educação e qualificação em Instituição pública de Ensino Superior que se situa na mesorregião Centro-Ocidental paranaense.

O presente texto consiste em resultados parciais da pesquisa de TIDE (Tempo Integral de Dedicção Exclusiva), desenvolvida junto à Unespar. Apesar de existirem nove cursos neste campus (elencados adiante), optamos pela escolha do curso de geografia por se tratar de um dos primeiros cursos a serem ofertados nesta instituição. Também a necessidade por informações mais atuais sobre o perfil e realidade dos estudantes do curso geografia, para compor a documentação do "Projeto Político Pedagógico" deste curso, impeliu nosso estudo para este recorte.

Partimos das propostas metodológicas expressas por Rocha (1998) e com apoio cartográfico, procuramos respostas à seguinte questão: como se articulam as micromobilidades dos trabalhadores-estudantes do curso de geografia gerados pela Unespar?

As causas que levam as pessoas a se deslocarem são as mais diversas, mas geralmente estão relacionadas a motivos econômicos. As forças responsáveis por esses movimentos humanos, de modo geral, resultam de "necessidades" para a sobrevivência ou para melhorar a qualidade de vida que possuem. Existem, portanto, forças repulsivas e de atratividade que impelem os corpos humanos ao movimento. A busca por conhecimento/qualificação em espaços urbanos melhor equipados pode explicar a mobilidade dos trabalhadores-estudantes a Campo Mourão e à Unespar.

Assim, esperamos que estes resultados das micromobilidades dos trabalhadores-estudantes do curso de geografia da Unespar - campus de Campo Mourão possam ajudar a uma melhor compreensão do fenômeno pendular dos estudantes e que sirvam de base à definição de políticas de desenvolvimento na educação.

2 ASPECTOS CONCEITUAIS E LEGAIS DA MICROMOBILIDADE FÍSICA DOS TRABALHADORES-ESTUDANTES

Contemporaneamente, em um mundo "globalizado", é fundamental que o trabalhador-estudante busque conhecimento e atualização. Lembramos que a **Constituição Federal da República Federativa do Brasil (1988)** possui seção que pactua a educação como direito de todos e em seu **Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto - Seção I da Educação**, coloca que: Art. 205. "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988, p.106).

A mobilidade populacional é um tema complexo, decorrente das inúmeras dificuldades que se enfrentam ao abordar este aspecto da dinâmica demográfica. Uma delas se relaciona a sua categorização. Como argumenta Rocha (1998),

a mobilidade enquanto categoria científica é utilizada constantemente para explicar os movimentos dos homens em suas mais diversas instâncias. Os estudos populacionais, as migrações e as mobilidades são noções que tratam de investigar a dinâmica de desenvolvimento das sociedades. No que concerne à geografia, busca-

se o nexo territorial deste fenômeno tão amplo e complexo. Para tanto, cabe investigar a gênese dos estudos populacionais bem como seu desenvolvimento enquanto fundamento, para a formulação de uma noção de mobilidade na geografia (ROCHA,1998, p. 16).

Para melhor compreender a complexidade do universo dos deslocamentos humanos, recorremos a Rocha (1998, p. 14-15) que, utilizando diferentes variáveis, distingue dois tipos de mobilidade da população: a horizontal e a vertical. Na primeira categoria integra, por um lado, a mobilidade física, que se reproduz em espaços concretos, podendo ir da "macromobilidade física", ou seja, da escala internacional (migrações) à "micromobilidade física", escala local (movimentos pendulares casa-trabalho), e por outro lado, a mobilidade centrada no trabalho, que ocorre no âmbito da qualificação dos indivíduos, do seu *status* profissional e de outras condições ligadas à lógica capitalista de acumulação. Na segunda categoria integra a mobilidade social intimamente ligada à mudança do estatuto social dos indivíduos, sua posição na sociedade e na hierarquia de classes sociais. Portanto, o deslocamento de estudantes à Unespar/Campo Mourão é definido neste estudo como micromobilidade física (à educação), conceito usado por Rocha (1998), Ghizzo (2012), Costa (2013) e Bernardino (2014).

Outras perspectivas, principalmente as "clássicas", tradicionalmente utilizadas na geografia e na demografia, como é o caso dos termos "deslocamentos/movimentos pendulares" podem ser encontrados em "Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos", de Rosa Moura, Maria Luisa Castello Branco e Olga Firkowski, publicado em 2005; assim como a publicação do IBGE (2011), "Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil", cujos organizadores foram Luiz Antonio Pinto de Oliveira e Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira.

Neste sentido, Rosa Moura et al. (2005) coloca que o termo "migração pendular" é muito antigo e que sua análise na geografia difere da demografia, em razão da preocupação do geógrafo em espacializar esses fenômenos. Segundo a publicação do IBGE (2011),

o termo mobilidade corresponde a toda mudança de lugar realizada pelas pessoas, que pode referir-se tanto a um deslocamento de casa ao trabalho, durante um determinado tempo (pode variar até uma hora ou mais por dia), o que se denomina movimento pendular (*commuter*), quanto de uma semana, um mês (cujo motivo pode ser uma viagem de férias, por exemplo), vários meses (migração sazonal) ou mudar de residência sem pensar voltar para o lugar de origem. Neste caso, podemos falar de migração ou de mobilidade residencial no interior do município de residência (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011, p. 59).

Portanto, entendemos que os termos utilizados por Rocha (1998) possuem o mesmo sentido dos conceitos adotados por estes autores, diferindo apenas na ideologia característica ao materialismo histórico. Neste caso, macromobilidade e micromobilidade correspondem, respectivamente a migração/imigração e movimento pendular. Assim, verificamos que as diferentes denominações para o fenômeno dos deslocamentos humanos, encontradas em trabalhos de autores distintos, podem dificultar a comparabilidade e exigem esforço maior de entendimento conceitual. Em esclarecimento sobre a diferença entre micromobilidade física para a Educação Superior, pendular ou diária e migração, Antico (2004) explica que

Há um certo consenso, atualmente, entre os estudiosos de população, sobre o fato de que os deslocamentos pendulares não devem ser considerados "migração", pois os dois fenômenos possuem conceitos distintos. A migração envolve a mudança de residência e os movimentos pendulares têm como principal característica os deslocamentos entre diferentes municípios de residência e de trabalho (algumas definições também incluem município de estudo). A Fundação IBGE, por ocasião da divulgação dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000, denominou

como “deslocamento” o fenômeno que envolve as pessoas que trabalham ou estudam fora do município de residência (ANTICO, 2004, p.02).

Se referindo à força de trabalho, Harvey (2005) explica que “[...] não é, portanto, uma mercadoria como outra qualquer. Não se pode prever como a dinâmica da acumulação se enreda com crescimento populacional, e toda relação entre circulação do capital e reprodução da força de trabalho continua sendo um problema espinhoso, talvez insolúvel” (HARVEY, 2005, p. 135).

Neste sentido, Jean-Paul de Gaudemar (1976) explica que

A mobilidade da força de trabalho remete ao conjunto das condições de existência do capitalismo que são a produção da força de trabalho, a implantação dos processos de produção e sua circulação entre as diferentes esferas de atividade (GAUDEMAR, 1976, p.125 – tradução nossa).

Deste modo, a micromobilidade física dos trabalhadores-estudantes para cursar Ensino Superior se insere no “modo de produção dominante, da forma pela qual as mais-valias do capital circulam, se concentram e são utilizadas no espaço, e pelas contradições do capitalismo que necessitam da contínua reestruturação do processo de acumulação” (BARATA SALGUEIRO; CACHINHO, 2009, p.28).

Neste momento, as dificuldades se avolumam, pois, este estudante e trabalhador passa a vivenciar uma contradição entre a busca de Educação Superior e a manutenção de sua condição financeira. Apesar do “apoio” legal, os desgastes entre os interesses dos estudantes e o da empresa onde eles trabalham, gera conflitos, em que o ônus desta disputa fica normalmente para os trabalhadores-estudantes. A legislação brasileira mostra-se deficiente, como se verifica a seguir, quanto ao trabalhador-estudante do Ensino Superior.

A lei trabalhista brasileira mais específica para o trabalhador-estudante é o Decreto nº. 5.452, de 1.º de maio de 1943, que aprova a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho): § 2º, está relacionada concessão das férias escolares. Ainda, destaca-se o

Art. 427 - O empregador, cuja empresa ou estabelecimento ocupar menores, será obrigado a conceder-lhes o tempo que for necessário para a frequência às aulas.
Parágrafo único - Os estabelecimentos situados em lugar onde a escola estiver a maior distância que 2 (dois) quilômetros, e que ocuparem, permanentemente, mais de 30 (trinta) menores analfabetos, de 14 (quatorze) a 18 (dezoito) anos, serão obrigados a manter local apropriado em que lhes seja ministrada a instrução primária (BRASIL, Decreto nº. 5.452, de 1.º de maio de 1943).

Vale observar, no caso do art. 427, que a CLT não determina a quantidade de tempo que poderia ser considerada como necessária para a frequência às aulas, pelo que se pode concluir que deva ser um tempo de acordo com o necessário e com as informações fornecidas pelo próprio empregado.

Para o trabalhador brasileiro celetista (aqueles regidos pela CLT) que pretende estudar, com raras e superficiais exceções, como as citadas, não existe norma específica². Todavia, existe no Brasil um Projeto de Lei, sob nº. 4.475-A, de 2008, para que se conceda horário especial ao trabalhador-estudante, de autoria do Deputado Cândido Vaccarezza, do Partido dos Trabalhadores (PT) de São Paulo³.

Em outros países, como em Portugal, a legislação para o estudante-trabalhador do Ensino Superior é melhor definida e garante mais benefícios⁴. O Código do Trabalho, nos termos da Lei nº. 7/2009, de 12 de fevereiro, aprovada pela Assembleia da República de Portugal, dispõe em seu Artigo 89º sobre o trabalhador-estudante. Esta lei considera trabalhador-estudante o trabalhador que comprovar que frequenta qualquer nível de educação escolar, bem como curso de pós-graduação,

mestrado ou doutoramento em Instituição de Ensino, ou ainda curso de formação profissional ou programa de ocupação temporária de jovens com duração igual ou superior a seis meses.

Quanto ao termo trabalho, é etimologicamente uma palavra que se origina do vocábulo latino *tripaliare*, tendo como base a palavra *tripalium*, que seria, segundo historiadores, um aparelho de tortura, usado comumente para castigar os presos e para ferrar animais indomáveis. No entanto, o conceito de trabalho remonta ao vocábulo *werg* (raiz indo-europeia), que significa “ação produtiva” (OLIVEIRA, 2013, p.33).

Para Marx (1989), o trabalho humano é a atividade resultante do dispêndio de energia física e mental, direta ou indiretamente voltada à produção de bens e serviços, contribuindo para a (re) produção da vida humana, ou seja, contempla esta acepção um duplo sentido: trabalho intelectual e trabalho físico. O trabalho intelectual pode ser entendido como esforço mental, onde sua valorização corresponde à utilização da ação realizada na aplicação da força posta em movimento para satisfazer às “necessidades” humanas. É nessa condição de trabalho intelectual que o trabalho cria o valor das mercadorias (MARX, 1989). A (re) produção espacial do trabalho físico corresponde à utilidade deste, à relação de intercâmbio entre o homem e a natureza, condição para a produção de coisas socialmente úteis e “necessárias”, constituindo o elemento estruturante das relações sociais.

Devemos também considerar que a micromobilidade física para o Ensino Superior na Unespar pode produzir também “mobilidade social” (quando ocorre melhora na sua posição social). Como já foi estudado, anteriormente, a mobilidade social é um movimento significativo na posição econômica, social e política de um indivíduo ou de um estrato. Muito utilizada como indicador social, a ocupação tem tido relevo entre outros indicadores como educação, raça, renda, etnia e outros.

Dada a complexidade das mobilidades humanas, propomos aqui o desafio inicial, focado na micromobilidade física dos trabalhadores-estudantes e recomenda-se maior aprofundamento futuro. É necessário fazer um estudo deste deslocamento levando em consideração que este é resultado de vários fatores que se articulam entre si e não apenas através de matrizes de mobilidade cuja representação é feita por meio de índices e de medidas estatísticas.

Assim, nesta reflexão, aqui apresentada, desejamos contribuir para o entendimento de uma mobilidade de grande significado para o desenvolvimento social e econômico de qualquer nação: a micromobilidade física dos estudantes e, em particular, dos trabalhadores-estudantes e de suas particularidades de seu perfil socioeconômico e cultural.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Os dados apresentados resultam de pesquisa desenvolvida com os acadêmicos do curso de Geografia/2013, referente a pesquisa de TIDE (Tempo Integral de Dedicção Exclusiva). Trata-se de um recorte analítico num viés quanti-qualitativo. São informações coletadas em pesquisa exploratória por meio de entrevistas, a 57% dos acadêmicos que cursam Geografia na Instituição, nas quais buscamos uma aproximação com o objeto de estudo. Para GERARDI e SILVA (1981), o número mínimo de entrevistas para uma amostragem representativa deve ser de 10%. Com uma maior percentagem pretendeu-se recolher uma amostra representativa que permitisse visualizar a situação dos estudantes da Unespar/campus de Campo Mourão.

A pesquisa se utilizou de procedimentos metodológicos de várias naturezas: no que tange à metodologia de análise e interpretação dos dados, consideramos uma atitude crítica; à luz do materialismo histórico, procurou-se nos estudantes explicações para a sua realidade, que foram confrontadas com as fontes de dados secundárias, como livros, dissertações e teses, artigos, revistas, *sites* na *Internet*; e trabalho de campo (entrevistas semi-diretivas).

Conforme o Setor de Controle de Matrículas de Campo Mourão, a Unespar⁴/campus de Campo Mourão possuía 207 estudantes matriculados no curso de Geografia (dados de 2013). Neste universo foram entrevistados 118 estudantes (57% dos matriculados). A análise estatística e a síntese gráfica e tabular dos dados foram executadas com o programa *Sphink Plus Léxica*, que possui

características quanti-qualitativas. Na elaboração dos mapas, utilizamos o *software Philcarto*, que é um *software* desenvolvido na França pelo geógrafo Philippe Waniez e, disponibilizado gratuitamente através da internet por meio de *download* no sítio: <http://perso.club-internet.fr/philgeo>. Para que o Philcarto possa elaborar seus cartogramas é necessário que se utilizem anteriormente dois outros *softwares*: o *Microsoft Excel* e o *Adobe Illustrator*. No *Excel*, se preparou o banco de dados que posteriormente se juntará com a base cartográfica previamente trabalhada no *Illustrator*. Os cartogramas construídos no *Philcarto* e as representações tabulares elaboradas no *Sphink*, sofreram edição no *software Corel DRAW X6*. A utilização do Philcarto é fácil, porém exige conhecimento sobre o sistema e os dados, de forma a adicionar somente as informações indispensáveis.

Assim, almejamos identificar e caracterizar os estudantes de Geografia da Unespar/Campo Mourão, que praticam uma mobilidade intimamente relacionada à mobilidade centrada no trabalho. Trata-se de uma mobilidade para a qualificação dos indivíduos, para melhorar o seu *status* profissional, ocasionalmente motivada pela busca de maiores e melhores oportunidades de trabalho. Neste sentido, entendemos que não envolve só a busca por uma “progressão” profissional (dentro do emprego atual, como também a busca por empregos melhores), mas principalmente na busca por melhorias na sua formação (acadêmica, intelectual, pessoal, profissional etc.) que não almeja, em muitos casos, a progressão profissional. Por exemplo, um professor do ensino básico que está se qualificando para melhorar a sua atuação como professor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: FEIÇÕES HISTÓRICAS E A REALIDADE RECENTE DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DE CAMPO MOURÃO

A história da Unespar de Campo Mourão se inicia com a Fundescam (Fundação de Ensino Superior de Campo Mourão e, se consolida pela Lei municipal n. 26/1972. Na época, possuía apenas três cursos de licenciatura curta: Estudos Sociais, Letras e Pedagogia. Os cursos eram pagos pela comunidade acadêmica até 1986 (GÓIS, 2012, p.91). Em 1987, conforme a Lei Estadual n. 8.465/87, foi instituída a Facilcam (Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão). A autarquização ocorre em 1991, quando passou a ser conhecida por Fecilcam (Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão). Antes da estadualização, a faculdade conseguiu converter os cursos de Estudos Sociais, Letras e Pedagogia, de licenciatura curta, em Geografia, Letras e Pedagogia, de licenciatura plena. Assim, em 1983, surgia o curso de Geografia, que atualmente compõe um dos nove cursos oferecidos pela instituição, juntamente com Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Engenharia de Produção Agroindustrial, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Turismo e Meio Ambiente.

Relatos dos primeiros professores do curso de Geografia, Jader Libório de Ávila, Dircélia Maria Foltran Teixeira, Edson Noriyuki Yokoo e José Antônio Rocha, sinalizaram que suas primeiras turmas tinham um grande número de alunos (o que não diminuía a qualidade das aulas, pois os estudantes eram atentos e dedicados), que possuíam idades quase sempre próximas aos 30 anos. Os estudantes eram predominantemente de Campo Mourão, mas também de municípios próximos. Explicam Ávila e Teixeira (2014):

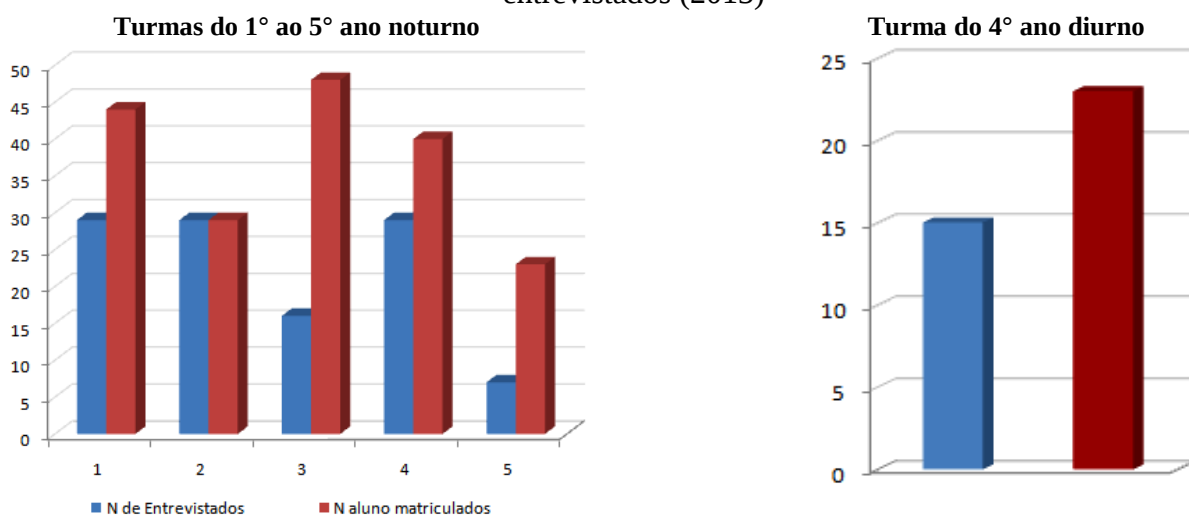
Quando cheguei a Campo Mourão tinha 38 anos e vinha com grande expectativa. Havia me formado pela Fafilon, hoje UEL. De início lectionei nas primeiras turmas de Estudos Sociais. A maioria dos alunos eram de Campo Mourão, mas também vinham de Peabiru, Araruna, Janiópolis e Engenheiro Beltrão, Goioerê, entre outros. A primeira turma tinha aproximadamente 70 ou 80 alunos e 70% eram mulheres. Imperava o bom comportamento e o desejo de estudar. Inclusive, o ensino era pago até aos anos 80. Os estudantes tinham idades acima dos 30 anos e eram educados e respeitosos. Logo que a instituição foi estadualizada, as salas passaram a ter 80 alunos. No início, o curso de Geografia, tinha aproximadamente 200 alunos (ÁVILA, 2014)⁵.

Trabalhei na Faculdade entre 1985 e 2007 e as primeiras turmas de Geografia possuíam mais de 100 alunos. Tinha que falar muito alto, o que me deixava rouca e as aulas práticas eram difíceis. Os estudantes tinham em torno de 30 anos e a maioria eram mulheres. Predominavam os alunos de Campo Mourão, mas muitos vinham de Mamborê, Iretama, Peabiru, Engenheiro Beltrão, entre outros. As dificuldades eram grandes, pois a maioria dos estudantes dependia de ônibus (TEIXEIRA, 2014)⁶.

A Unespar foi criada em 2001 e, depois de muitas lutas, foi consolidada pela Lei Estadual nº. 17.590 em 2013. Trata-se de uma universidade que possui uma organização multicampi, sendo descentralizada geograficamente e é mantida por recursos do Estado do Paraná. Deste modo, possui os seguintes campi: Campus de Curitiba I/Embap, Campus de Curitiba II/FAP, Campus de São José dos Pinhais/APMG, Campus de Paranaguá/Fafipar, Campus de União da Vitória/Fafiuuv, Campus de Apucarana/Fecea, Campus de Paranaíba/Fafipa e Campus de Campo Mourão/Fecilcam.

Segundo o Setor de Controle de Matrículas de Campo Mourão, a Faculdade possuía 207 alunos matriculados no curso de graduação em Geografia (dados de 2013)⁷. Até 2013, este curso tinha também turmas no período diurno, que foram sendo encerradas por falta de demanda e por não serem mais ofertadas vagas para o ingresso pelo vestibular. A Figura 1, apresenta a relação entre o número de estudantes matriculados com o número de entrevistados por ano do curso.

Figura 1 – Relação entre número de estudantes de Geografia matriculados e o número de entrevistados (2013)



Organizado por: Bernardino, V. M. P (2014)

As entrevistas foram aplicadas a 118 estudantes, o que corresponde a 57% dos acadêmicos regularmente matriculados no curso de Geografia e, tiveram liberdade para responderem ou não às questões.

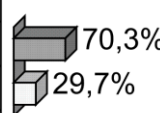
De modo geral, ocorre redução em número de estudantes nas séries seguintes ao primeiro ano: esta redução decorre da desistência dos estudantes que, em maioria, são trabalhadores com baixa remuneração e acabam não suportando as dificuldades impostas pela busca de Educação Superior: custos de deslocamentos, dupla jornada (trabalho e estudo), dificuldades de aprendizagem, entre outros. São solteiros 78% e para 16,7% ainda existe mais um desafio: cuidar da casa, dos filhos (geralmente 1 ou 2) e estudar. Como se trata de trabalhadores-estudantes (70,3%), conforme se observa na Figura 2, o período escolhido é predominantemente noturno, acolhendo 88,1% dos estudantes matriculados em Geografia nesse período.

Os dados revelaram que os estudantes da Unespar são predominantemente do gênero feminino, enquanto os homens (33,1%) representam apenas um terço do universo total de entrevistados. A emancipação feminina também ocorreu no campo da educação e atualmente, em

Campo Mourão, "as mulheres estudam mais tempo do que os homens" (IBGE, 2012) e são maioria no Ensino Superior desta Instituição de Ensino.

Figura 2 – Condição de ocupação dos estudantes do curso de Geografia da Unespar/Campo Mourão (2013)

Você trabalha?		
Taxa de respostas: 100,0%		
	N.	%
sim	83	70,3%
não	35	29,7%
Total	118	100,0%



Elaborado com: SPHINK França, 2014. Organizado por: BERNARDINO, V. M. P.

Quanto à idade, tem-se observado ao longo dos anos que a faixa etária destes estudantes é cada vez mais próxima da idade mínima para o ingresso no Ensino Superior: por volta dos 18 anos. Os resultados encontrados, nesta pesquisa, identificam a faixa etária dos 17 aos 25 anos, como a maior: 79,1% dos entrevistados. O ingresso mais cedo ao Ensino Superior resulta do interesse desses jovens em continuarem os estudos e também porque aumentou consideravelmente o número de instituições de Ensino Superior e de cursos, especialmente no setor privado. É mais comum agora os jovens conseguirem passar no vestibular na primeira tentativa. Poucos são os estudantes com mais de 40 anos, apenas 2,6%. Também não são muitos os que possuem outra formação superior: 7,2%. Entre os estudantes que fizeram referência a possuir outra formação superior, foram citados os seguintes cursos: Pedagogia, Letras, Turismo, Enfermagem e Tec. em Gestão de Moda.

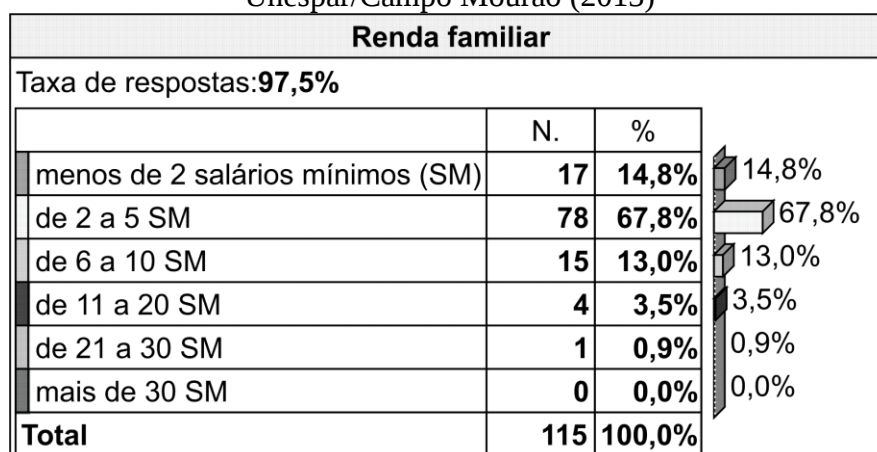
Se perguntados quanto à expectativa de atuar na área do curso que fazem, revelam-se otimistas e para 90,6%, é "boa" ou "ótima". Nesta perspectiva, 95,8% estão satisfeitos com o curso que fazem e não desejam mudar para outro curso. No entanto, ao serem inquiridos "se o curso que fazem era sua primeira opção", 62,4% explicaram que "não" e sinalizaram a preferência por Psicologia, Pedagogia, Medicina Veterinária, Educação Física, Arquitetura e Urbanismo, Administração, História, além de outros cerca de 20 cursos. Quanto aos que desejam mudar de curso (4%), estes assinalaram predominantemente a intenção de cursarem Arquitetura, Engenharia Florestal, Engenharia Ambiental e informática, cursos não encontrados na Unespar. Para quase metade dos estudantes insatisfeitos, o motivo para desejarem mudar de curso seria o fato de ter "maior afinidade" com a outra área de estudo anteriormente informada.

A renda familiar também constitui importante variável para a análise das condições sob as quais se realiza o trabalho do trabalhador-estudante (Figura 3). Com exceção da faixa anterior de renda, menos de 2 salários mínimos - 14,8%, existe uma correlação entre a renda familiar e o trabalho dos trabalhadores-estudantes. Ou seja, conforme aumenta essa renda familiar, o percentual de trabalhadores-estudantes tende a diminuir, privilegiando apenas o estudo. Em sua maioria, cerca de 83% dos estudantes possuem renda familiar de até cinco salários mínimos para sustentar, em média, três a quatro elementos do agregado familiar. Os baixos rendimentos das famílias dos estudantes configuram-se em graves dificuldades para cobrir os custos de deslocamento e de materiais para o aprendizado além de outros.

Este trabalho mostra que os alunos residem predominantemente em área urbana (96%), que no caso dos estudantes de outros municípios denota uma forma de migração circular interna (diária) considerado um movimento urbano-urbano do tipo, principalmente intrarregional. Neste sentido, mais da metade dos estudantes do curso de Geografia da Unespar/Campo Mourão (51,8% dos entrevistados) são de outros municípios, ou seja, realizam deslocamentos diários de suas residências e trabalho para a universidade (Figura 4).

O mapa da micromobilidade física (intermunicipal) dos trabalhadores-estudantes a Campo Mourão e à Unespar (2013), identifica e representa a intensidade da mobilidade estudantil diária intermunicipal que ocorre em direção a Campo Mourão durante os dias de aulas, para realizar seus estudos na Universidade do Estadual do Paraná. A deficiência de oferta de formação superior nos demais municípios da mesorregião Centro-Ocidental paranaense é encontrada pelos trabalhadores-estudantes em Campo Mourão, levando centenas de estudantes a se deslocarem. Também se observa que à medida em que aumenta o nível de escolaridade dos estudantes, cresce também a necessidade do deslocamento em busca de cursos no Ensino Superior. Nos níveis educacionais do Ensino Fundamental e Médio, as escolas se encontram mais próximas ao local de residência.

Figura 3 – Condição econômica da família do trabalhador-estudante do curso de Geografia da Unespar/Campo Mourão (2013)

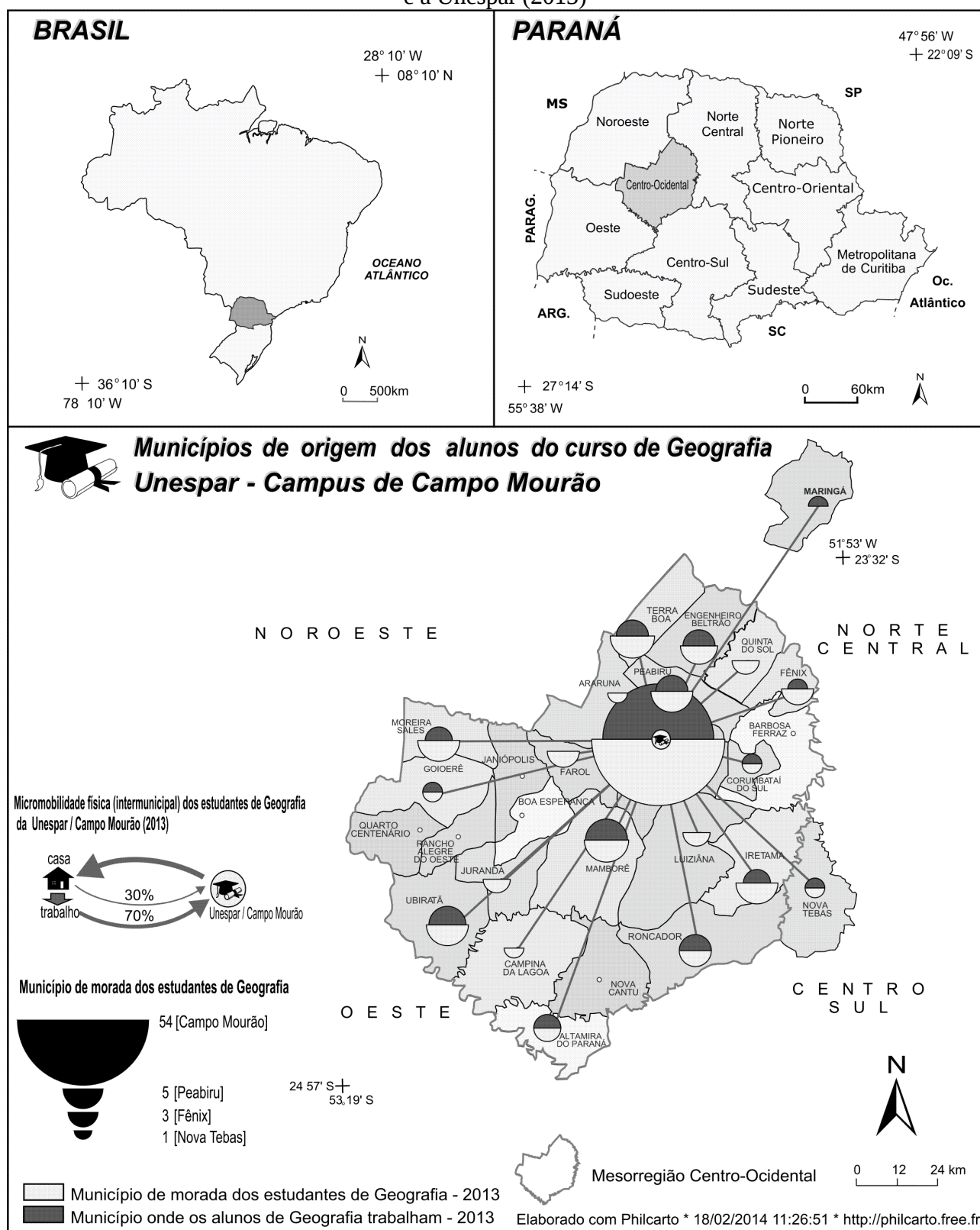


Elaborado com: SPHINX França, 2014. Organizado por: BERNARDINO, V. M. P.

Este estudo confirma o que, em 1973, Rabello apud Cardoso e Sampaio (1994) já havia observado em seu estudo do perfil do estudante universitário no Brasil, ou seja, que existe um grande contingente de trabalhadores-estudantes se deslocando a outros municípios em busca de qualificação no Ensino Superior. Os resultados encontrados também mostram que atualmente (dados de 2013), quase metade dos estudantes matriculados na Fecilcam se desloca de seus municípios rumo a Campo Mourão, constituindo uma relevante mobilidade circulatória para a Educação Superior. Entendemos que a cidade de Campo Mourão, como cidade polo da mesorregião Centro-Ocidental, exerce controle localmente realizado sobre uma parcela política da produção, nos municípios da Comcam (Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão). No entanto, como parte do todo sofre controle distante de outras cidades mais bem equipadas, em um sistema que (re)produz a lógica de uma proposta global. Deste modo,

Essa dialética se afirma mediante um controle "local" da parcela "técnica" da produção e um controle remoto da parcela política da produção. A parcela técnica da produção permite que as cidades locais ou regionais tenham certo controle sobre do território que as rodeia. Este comando se baseia na configuração técnica do território, em sua densidade técnica e, também, de alguma forma, na sua densidade funcional a que podemos igualmente chamar densidade informacional. Já o controle distante, localmente realizado sobre a parcela política da produção, é feito por cidades mundiais e os seus "relais" nos territórios diversos (SANTOS, SOUZA, SILVEIRA, 1994, pp. 17-18).

Como coloca Santos, Souza e Silveira (1994), "o resultado é a aceleração do processo de alienação dos espaços e dos homens, do qual um componente é a enorme mobilidade atual das pessoas" (SANTOS, SOUZA, SILVEIRA, 1994, p. 18).

Figura 4 – A micromobilidade física (intermunicipal) dos trabalhadores-estudantes a Campo Mourão e à Unespar (2013)

Fonte: Entrevistas realizadas por acadêmicos do curso de Geografia da Unespar (2º ano / disciplina de Cartografia Temática e Digital - 2013). **Bases cartográficas:** ITCG (2010). **Organizado por:** BERNARDINO, V. M. P. (2014)

De um modo geral, os estudantes que realizam a micromobilidade física ao Ensino Superior, da Universidade Estadual do Paraná, o fazem principalmente de ônibus. Para os estudantes de

municípios do entorno ao de Campo Mourão, passar no vestibular e conquistar uma vaga na universidade pode se transformar em um drama por falta de recursos financeiros ou transporte que o leve até à Instituição. De outro modo, o ônibus passa a ser também um espaço de ampliação das relações sociais e muitas vezes também espaço de conflitos. Se deslocar de algum modo, de um município para outro, já possibilita o alargamento das experiências, deslocar-se coletivamente, constitui um modo peculiar de desenvolvimento da cidadania. O uso do automóvel para chegar à Faculdade, revela melhor condição econômica para 16,5% dos estudantes (Figura 5).

Como se observa, as predominantes dificuldades econômicas, já precisadas anteriormente, impelem os estudantes a mobilidades mais populares como: "a pé", "moto", "van", "ônibus", totalizando 83,5 % dos entrevistados.

Figura 5 – Modal de deslocamento dos estudantes de Geografia à Unespar / Campo Mourão (2013)



Elaborado com: SPHINX França, 2014. **Organizado por:** BERNARDINO, V. M. P.

Em decorrência destes modais de mobilidade, verifica-se um diferenciado uso do tempo e do espaço, pelos diferentes grupos de renda familiar entre os trabalhadores-estudantes nos municípios da área de influência da Universidade. O tempo dos deslocamentos se dá nos espaços entre os lugares geográficos: de casa ou trabalho para a Faculdade. Conforme Tuan, "tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivido, nós os admitimos como certos" (TUAN, 1983, p. 8).

Para os estudantes que residem e/ou trabalham em municípios mais distantes, como Altamira do Paraná, Nova Tebas ou Maringá, por exemplo, o percurso/deslocamento do lugar de trabalho ou do lugar de morada até à Unespar, pode levar 2 horas ou mais se realizado de ônibus, afirmaram 18,4% dos entrevistados. No entanto, para os que residem em Campo Mourão e estão mais próximos da Faculdade, 21,1% levam apenas 10 minutos para chegar à Instituição. Para Ana Fani A. Carlos (2007),

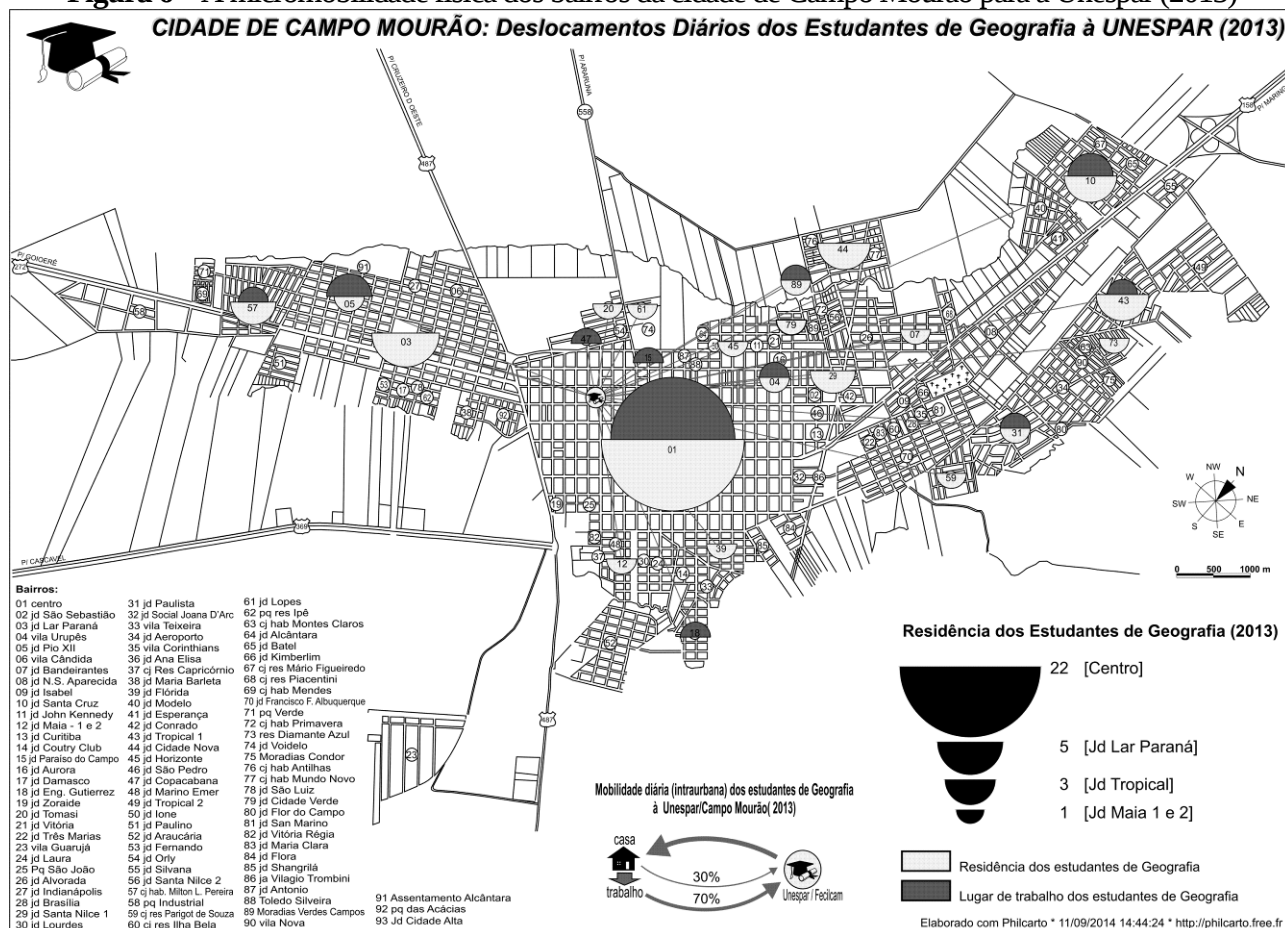
O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

Outro importante espaço a se considerar é do lugar de trabalho, que entre os entrevistados, geralmente coincide com o município onde se encontra a residência do trabalhador-estudante. Ao discutir a mobilidade da força de trabalho, referimo-nos especificamente aos deslocamentos de trabalhadores entre suas residências e o lugar de trabalho e, neste caso em particular, do trabalho para a Universidade Estadual do Paraná, em busca de educação e qualificação. Trata-se de uma mobilidade que visa alargar as oportunidades no mundo do trabalho através da obtenção de um diploma de nível superior. Além disso, a Universidade é onde as relações sociais acontecem de forma mais intensa, ou

seja, é o "espaço do acontecer solidário" (SANTOS, 1994, p. 17). Segundo Santos, Souza e Silveira (1994), estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros, entre outros. Mas "as solidariedades pressupõem coexistências, logo pressupõem o espaço geográfico" (SANTOS, 1994, p. 17).

Em uma escala maior e intraurbana, da cidade de Campo Mourão, percebemos com mais clareza como as mobilidades articulam e produzem os espaços de morar, trabalhar e estudar (Figura 6).

Figura 6 – A micromobilidade física dos bairros da cidade de Campo Mourão para a Unespar (2013)



Fonte: Dados de atividade da disciplina de Cartografia Temática / curso de Geografia (3º e 4º bim./2013). Entrevistas com estudantes da Unespar / Fecilcam - Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, PR (2013). **Bases cartográficas:** ITCG (2010). Plano Diretor do Município de Campo Mourão, PR (2007). **Organizado por:** BERNARDINO, V. M. P. (2014)

Vale ressaltar que, entre os trabalhadores-estudantes, encontra-se um grupo de 5,7%, de estudantes que residem em Campo Mourão só para estudar. Para estes estudantes, de outros municípios, o desafio é ficar longe de casa, dos pais e dos amigos. Ainda, os elevados custos de se instalar próximo à Universidade, obriga-os geralmente a buscar trabalho na cidade de Campo Mourão. Ressalta-se que o fato de os estudantes trabalharem, não significa total autonomia da família. O centro da cidade é o lugar onde se instalaram cerca de metade destes estudantes.

Os estudantes da Unespar, que moram na cidade de Campo Mourão, não são maioria pois correspondem a 48,2% dos entrevistados. Podemos observar, no cartograma da "micromobilidade física intra-urbana na cidade de Campo Mourão", que os estudantes residem na maior parte dos bairros da cidade. No entanto, sobressaem-se entre os "lugares de morar", o centro e jardim Lar Paraná; enquanto que entre os "lugares de trabalho", que se destacam o centro, jardim Pio XII e jardim Santa Cruz.

Face à geografia do trabalho e do estudo dos estudantes universitários e suas micromobilidades a Campo Mourão, também nos questionamos, como Ophelina Rabello (1973), sobre a dicotomia entre estudo e trabalho: "Passando por cima do fato notório de o estudo constituir por si mesmo uma forma intensiva de trabalho, pergunta-se se estudar e trabalhar traduziriam antinomias insuperáveis ou complementar-se-iam, criando até exigências e reciprocidades altamente vantajosas?" (RABELLO, 1973, p. 17). Analisando Rabello (1973), Cardoso e Sampaio (1994) explicam esta situação apontando que

O argumento da autora é o de que existem situações em que estudo e trabalho podem convergir para um esforço de 'autoconsistência' da personalidade humana do universitário, em termos de auto-superação para a autonomia plena (...); todavia, existem casos em que o estudo aliado ao trabalho poderia 'traduzir-se em rotina, em dispersão interior, em mediocridade e desencanto, chegando mesmo à frustração de ambas as condutas do comportamento estudantil, provocando *stress*, pré-neuroses com a possível perda da substância de ambas as atividades no fenômeno decepcionante da evasão escolar?'. Segundo Rabello, a chance que cada uma dessas perspectivas tem de concretizar-se depende de uma vasta gama de implicações contidas na injunção estudo e trabalho (CARDOSO e SAMPAIO, 1994, p. 26).

Assim, o trabalho dos jovens trabalhadores-estudantes do curso de Geografia da Unespar não é uma opção, mas quase sempre, compulsória. Ou seja, a inserção do estudante, antes de concluir sua formação superior, no mundo do trabalho está intimamente vinculada à sua condição econômico-social, apesar de poderem existir outras condicionantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A micromobilidade física dos trabalhadores-estudantes à Unespar/Campo Mourão pode ser entendida como uma frequente imposição da qualificação da força de trabalho ou mesmo da mudança do tipo de atividade profissional exercido pelos trabalhadores em virtude das exigências do modo de produção capitalista. Entende-se que estes deslocamentos resultam do desejo do estudante de alargar as oportunidades no mundo do trabalho através da obtenção de um diploma de nível superior.

Assim, este estudo buscou apresentar uma reflexão e contribuição acerca de aspectos importantes dentro dos estudos de desenvolvimento regional: as mobilidades ao trabalho e ao estudo. As reflexões a respeito da micromobilidade física dos trabalhadores-estudantes estão relacionadas ao entendimento das articulações entre os espaços geográficos, principalmente urbanos, constituindo a rede-urbana da mesorregião Centro-Ocidental paranaense.

NOTAS

¹ Termo defendido por Rocha (1998), em tese intitulada "A Espacialidade das Mobilidades Humanas: Um Olhar para o Norte Central Paranaense".

² Como se poderá ver em artigos como o publicado no site: <http://juridiques-descomplicado.blogspot.com.br/2013/06/direitos-do-trabalhador-estudante-no.html>.

³ Conforme: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=420142> e http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=624CF5ADC418C8E8828B313BCF21BB12.node1?codteor=938183&filename=Parecer-CTASP-10-11-2011.

⁴ Maiores detalhes da legislação do trabalhador-estudante português podem ser vistos em: http://www.cite.gov.pt/pt/legis/CodTrab_indice.html.

⁵ Segundo o Setor de Matrículas da Unespar/Campo Mourão, no primeiro semestre de 2014, o curso

de graduação em Geografia contava com 182 matriculados, sendo 154 na licenciatura e 28 no bacharelado.

REFERÊNCIAS

ANTICO, C. **Deslocamentos Pendulares nos Espaços Sub-regionais da Região Metropolitana de São Paulo**. 2004. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br>. Acesso em: 18 de mar. 2014.

AVILA, J. L. de. Jader Libório de Ávila: **Depoimento** [mai. 2014]. Entrevistadores: Virgílio Manuel Pereira Bernardino e Solange Aparecida Loch. Campo Mourão, PR.

BERNARDINO, V. M. P. **A mobilidade da força de trabalho e do consumo nas feiras de Maringá (PR - Brasil) e de Leiria (Portugal): a resistência dos trabalhadores e consumidores do setor no contexto do capitalismo global**. 2014. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Geografia – PGE/UEM.

BARATA-SALGUEIRO, T.; CACHINHO, H. As relações cidade-comércio: dinâmicas de evolução e modelos interpretativos. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda, (orgs.) **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL, **Consolidação das leis do trabalho**. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. 104. e. São Paulo: Atlas, 2000. Coletânea de Legislação.

CARDOSO, R. C. L., SAMPAIO, H. **Estudantes universitários e o trabalho**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências sociais (Anpocs), ano 9, 26, 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm>. Acesso em: 18 de mar. 2016.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

COSTA, F. R. da. A noção de municípios periféricos: contradições e desigualdades no Estado do Paraná. 2013. **Tese de Doutorado em Geografia**. PGE/Universidades Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilité du travail et accumulation du capital**. Paris. François Maspero, 1976.

GERARDI, L. H. de O.; SILVA, B. C. N. **Quantificação em Geografia**. Difel, São Paulo, 161 p. 1981.

GHIZZO, M. R. A mobilidade do consumo e a produção do espaço no aglomerado urbano de Maringá-PR. **Tese de Doutorado em Geografia**. PGE/Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 200p., 2012.

GÓIS, G. M. de. Fecilcam: 40 anos de um sonho em construção. In: **FECILCAM: 40 anos, Passados. Presente**. Frank Antonio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Orgs.). Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2012.

HARVEY, D. **A produção do espaço capitalista**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 135.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012. **Estimativas de População**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2012/>>. Acesso em: 12 de jan. 2017.

ITCG - INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E GEOLOGIA DO PARANÁ. **Base Cartográfica, 2010**.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. Livro I, v. I.

MOURA, R.; CASTELLO BRANCO, M. L. G.; FIRKOWSKI, O. L. C. de F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 19, n. 4, p. 121-133, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a08.pdf>>. Acesso em: 12 de jan. 2017.

OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Orgs.) Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. **Série Estudos e Análises**: informação demográfica e socioeconômica. n.1. Rio de Janeiro: IBGE. 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>>. Acesso em: 11 de jan. 2017.

OLIVEIRA, J. A. de. **O trabalho no universo indo-europeu**: uma interpretação etimológico-onomástica. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v.3, n. esp., p. 25-36, ago/dez 2013. Disponível em: <www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/307/193+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 16 de mar. 2014.

RABELLO, O. **Universidade e trabalho**: perspectivas. Universidade Estadual de Campinas, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1973.

ROCHA, M. M. **A Espacialidade das Mobilidades Humanas**: um olhar para o Norte Central Paranaense. USP, 1998. 186 p. Tese (Doutorado de Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia.

SANTOS, M. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território**: fragmentação e globalização. São Paulo: Hucitec, 1994.

TEIXEIRA, D. M. F. **Dircélia Maria Foltran Teixeira**: Depoimento [set. 2014]. Entrevistadores: Virgílio Manuel Pereira Bernardino e Solange Aparecida Loch. Campo Mourão, PR.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

WANIEZ, P. **Philcarto**: cartographie professionnelle. Disponível em: <<http://philcarto.free.fr/>>. Acesso em: 03 de set. 2016.

Data de submissão: 08.09.2015

Data de aceite: 18.01.2017

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.